

“Em Maria, uma aurora de esperança: orar em Maria”

16 de julho de 2024

A Alegria do Magnificat

Com a alegria do Magnificat de Maria, saudamo-vos, estimados irmãos e irmãs no Carmelo (OCarm e OCD): Paz e Esperança!

Unidos na Oração

Partilhamos convosco que os dois gerais, Miceál O´Neill, OCarm, e Miguel Márquez, OCD, temos rezado, conversado e partilhado, com Maria no meio de nós, neste momento da nossa história, como família na Igreja, pedindo-Lhe a Ela, *Flos Carmeli*, que continue a cobrir-nos com o seu manto, a cuidar-nos com o seu olhar e a conduzir-nos pela mão, como seus irmãos que somos, para começar de novo, hoje, a aventura que começou no Monte Carmelo, à sombra daquela «nuvenzinha», promessa inquebrantável de fecundidade.

Maria e o Ano da Oração

Celebramos a solenidade de Nossa Senhora do Carmo de 2024, coincidindo com o Ano de Oração anunciado pelo Papa Francisco, como tempo de preparação para a celebração do Jubileu, em 2025. Como Superiores Gerais de ambas as tradições do Carmelo, pensámos que esta seria uma boa oportunidade para dirigir-vos uma carta em conjunto, de acordo com a tradição que existe desde 1998, em que os dois Gerais escreveram uma mensagem a toda a família carmelita. Fazemo-lo com o desejo de recordar e reviver as grandes tradições do Carmelo relativamente à oração e a Nossa Senhora do Monte Carmelo. Mais do que pretender oferecer uma grande declaração de verdades teológicas, gostaríamos que esta fosse uma partilha da nossa experiência pessoal e carismática sobre a nossa herança, profundamente marcada pela ORAÇÃO e amor a Maria, Mãe de Deus, no meio de vós, irmãos e irmãs da nossa família.

Uma experiência confirmada

Há uma convicção firmemente enraizada na nossa história: a proximidade e intimidade com Maria foram sempre, na nossa família carmelita, uma fonte de renovação, de fecundidade e de abertura de caminhos na noite e na crise. Maria tem sido, inequivocamente, «Stella Maris» nas águas incertas de cada tempo. E a nossa confiança no seu cuidado para conosco está mais viva do que nunca.

No seio de Maria

O Carmelo nasceu no seio de Maria, da fonte inesgotável da sua maternidade divina, com a força e a beleza do Espírito Santo. Formados e modelados à imagem de Jesus, filhos e filhas no Filho. Sentimos que neste contante ser gerado e dado à luz em Maria, a vocação dos e das carmelitas torna-se cada dia mais autêntica.

Ela meditava todas estas coisas no seu coração.

Como Maria, ser carmelitas significa ser configurados pela escuta da Palavra. Inspiramo-nos na Regra Carmelita, que nos exorta a fazer tudo segundo a Palavra de Deus (19). Recordemos também Santa Teresinha do Menino Jesus, cujo amor à Virgem se inspirava em Maria tal como a encontrou nos Evangelhos (Poema "Porque te amo, Maria"). Os Evangelhos apresentam Maria como alguém que meditava todas estas coisas no seu coração, como alguém que envolvia tudo na oração, cuja oração era uma resposta permanente à Palavra de Deus na sua vida, e cuja oração mostrava a dignidade da pessoa humana, criada por Deus, habitada pela Presença divina e capaz de conhecer o amor de Deus na sua vida.

Virgem da Contemplação: peregrina e servidora

Desde os primórdios da tradição carmelita, o ícone de Maria na Visitação a caminho com Jesus no seu seio foi entendido como o melhor modelo de contemplação. Síntese perfeita de ação e contemplação, Marta e Maria unidas: "Acreditai quando vos digo que Marta e Maria hão-de andar juntas para hospedar o Senhor, e tê-Lo sempre consigo, e não Lhe dar má hospedagem, não Lhe dando de comer" (Teresa de Jesus, 7Moradas 4,12. Cf. Maria Madalena de Pazzi, Probationes 2, 176-178).

Maria partiu apressadamente (*meta spoudes*), isto é, com o coração desperto e amor ardente, em direção à região montanhosa para visitar a sua prima Isabel. Maria recebeu do Anjo a notícia acerca da sua prima. Há uma distância a percorrer entre a sua casa em Nazaré e a região montanhosa, hoje identificada como Ain Karim, não muito longe de Jerusalém. Em Maria, a oração torna-se aceitação, disponibilidade, caminho e serviço. Antes, foi graça inesperada, anúncio de salvação, através do Anjo, a oração é o amor gratuito recebido e acolhido, transbordante, o primeiro amor, a raiz que fundamenta o nosso existir e caminhar. Esta graça é explicitada em quatro palavras: alegre-te, não tenhas medo, o Espírito Santo virá sobre ti e a Deus nada é impossível. Deus infunde em Maria a sua própria beleza, feita carne, e reveste-nos com o seu Espírito dinâmico e salvífico. Podemos identificar este "hábito" de graça que Deus dá a Maria na Anunciação como o escapulário vivo do carmelita, veste e transfusão de Maria.

De facto, rezar a Ave Maria é entrar nesta experiência da Encarnação, é ser Maria que acolhe a Palavra, a graça e a Presença divina feita carne. Cada vez que rezamos a Ave Maria, acontece em nós este milagre de graça e de aliança no coração de Maria, no nosso coração. Rezar a Ave Maria é, antes de mais, abrimo-nos a uma inquestionável declaração de amor de Deus a Maria e a cada um de nós, que espera um sim da nossa parte a este amor de Deus, sem nos defendermos nem arranjar termos desculpas, sem colocarmos a nossa indignidade como barreira, porque é presente e dádiva de Deus, e os dons recebem-se com alegria e simplicidade. Como Maria, à luz da definição teresiana de oração, "sabemos que Ele nos ama", pois "outra coisa não é, a meu ver, oração mental, senão tratar de amizade, estando muitas vezes tratando a sós com Quem sabemos que nos ama" (Vida 8,5). E a consciência desta experiência é a raiz e o fundamento da oração. Somos, como Maria, plenamente agraciados.

Maria chega, e a alegria de Isabel não tem limites. Mas esta não é uma visita qualquer. Isabel também tinha lido a história e, naquele momento, estava a ver o cumprimento da promessa. A criança no seu ventre saltou de alegria, tal como a criança no ventre de Maria. Se Isabel louvou Maria por ter acreditado, Maria podia fazer o mesmo a Isabel. Não estavam a evangelizar-se mutuamente, mas antes a confirmar a verdade do Evangelho na forma como cada uma delas o tinha recebido. Maria prossegue, em linguagem poética, para se regozijar nessa verdade. Grande parte da nossa oração e do nosso contacto com os outros resume-se a isto: uma confirmação do que recebemos e um desejo de viver

e falar de tal forma que os outros conheçam a verdade do que Deus revela àqueles que estão abertos à sua Palavra. São Tito Brandsma expressou-o assim: este deve ser o objetivo da nossa devoção a Maria, que sejamos outra Mãe de Deus, que Deus também seja concebido em nós e gerado por nós para o mundo (Beleza do Carmelo, 66).

Magnificat, o carisma carmelita

A oração carmelita é tecida de humildade (terra disponível e verdadeira), gratidão, música que celebra a maravilha de Deus na história humana e se torna um novo êxodo de libertação, serviço e doação gratuita. A riqueza do cântico de Maria resume a história da salvação e concentra o melhor da espiritualidade carmelita. Só é possível cantar o Magnificat no encontro sincero e na comunhão que reconhece no outro, nos nossos verdadeiros irmãos e irmãs, a presença do Salvador. A oração confirma-se no encontro e no respeito pela dignidade de cada irmão onde Deus habita.

O Carmelo é convidado hoje a não ficar na lamentação e no negativismo, mas a discernir os rebentos de vida que, escondidos aos sábios e prudentes, já estão a brotar no seio dos pobres e simples que confiam na promessa de Deus. Uma aurora de esperança se levanta, mais poderosa do que todas as armas, sob a terra ferida e maltratada dos nossos dias.

O discípulo recebeu-a em sua casa

Que fazia Maria aos pés da cruz? Perguntamo-nos que tipo de dor terá sentido. Como mãe, vendo o seu Filho em agonia, vítima inocente da injustiça e da superficialidade do sistema político e religioso da época, ela permaneceu em silêncio, porque sabia que não era o fim. Ela orou, unindo o coração e a mente a Deus que estava no seu interior. Certamente, agora mais do que nunca, Maria meditava estas coisas no seu coração. Ela, mais do que qualquer outra pessoa, podia compreender que o que estava a acontecer era um grande ato de amor. Assim como o seu Filho estava suspenso e moribundo na cruz, o amor que não lhe permitiu voltar atrás estende-se agora pelo mundo e continuou a fazê-lo durante todos estes séculos. Quando pensamos no amor de Jesus e de Maria, pensamos no amor que implica uma entrega total de si mesmo.

Depois acontece o que Maria não esperava. Ela ouve dos lábios a sangrar do seu Filho estas palavras: "Mulher, eis o teu Filho", enquanto diz ao discípulo amado: "Filho, eis a tua

mãe". A mãe permanece a mesma, o filho muda. Tudo o que o Filho era para ela está agora no discípulo. A relação pode mudar, mas o amor continua a ser a melhor de todas as relações, as pessoas cuidam-se mutuamente como as mães e os filhos vivem uns para os outros.

O que realmente é o essencial da oração acontece ali, na cruz e aos pés da cruz. Comunhão na dor que abre a história de todos os crucificados ao projeto de salvação. Jesus, no maior desamparo, realiza a maior obra de salvação, como observa S. João da Cruz: «sentiu necessidade de clamar: “Meu Deus, meu Deus, porque me abandonaste?” (Mt 27, 46). Este foi o maior desamparo sensitivo que experimentou durante a sua vida. Mas, foi também nele que realizou a maior obra da sua vida, maior do que as obras e milagres que tinha feito no céu e na terra, que foi reconciliar e unir pela graça o género humano com Deus» (2 Subida 7,11).

A eficácia da oração manifesta-se misteriosamente em dar a vida, no amor até ao extremo. Maria, oração que se faz presença na hora mais terrível, é mãe em todas as mães que acompanham e cuidam da vida e a beijam e a entregam ao Pai, mesmo quando está quebrada e maltratada. Para uma vida nova. Toda a dor do mundo e da história torna-se oração e grito em Jesus e Maria, nada fica de fora da verdadeira oração. Nunca é fuga ou desinteresse. A oração nunca é misticismo autorreferencial ou cómodo, egocêntrico e surdo ao grito e ao gemido de cada ser humano.

Na hora mais difícil, a herança de Jesus, o melhor presente: a sua Mãe. O discípulo recebe-a em sua casa (*eis ta idia*), isto é, no mais íntimo do seu ser, como a realidade mais preciosa, não só na sua casa, mas na sua morada interior. Esta intimidade é o tesouro do cristão e do carmelita. Queremos encorajar-vos e despertar-vos para esta intimidade renovada com Maria todos os dias, como fonte de luz perene.

Perseveraram na oração com Maria

O Senhor ressuscitou, visitou um número escolhido de discípulos, subiu ao céu, deixando os seus discípulos com a promessa de que, quando subisse ao Pai, enviaria o Espírito Santo. Os discípulos esperavam o cumprimento da promessa. Maria estava no meio deles, à espera. Sabemos que a nossa espiritualidade é uma espiritualidade da espera. Conhecemos tanto do amor de Deus e agora esperamos até que Ele volte e Cristo seja tudo em todos. A nossa Regra termina com a ideia de que façamos tudo o que nela é pedido e, se

fizemos mais, o Senhor recompensar-nos-á quando vier. O que pudermos fazer a mais, é promovido e dado pelo Espírito Santo. Ora, quando Maria pergunta: "Como é possível?", a resposta é-lhe dada: "O Espírito Santo virá sobre ti", e "nada é impossível a Deus". Tudo o que Maria guardava no seu coração torna-se agora luz e realização, torna-se Igreja e família em caminho.

O ícone de Maria com os discípulos à espera do Pentecostes exprime a beleza da comunidade e abre, no coração da oração, a uma graça de comunhão na diversidade. No Pentecostes, aprende-se uma linguagem comum, na riqueza das diferentes línguas e raças. Esta comunhão e família na abertura ao Espírito abre a comunidade dos irmãos e irmãs de Maria a um futuro inesperado, a um sentido e a um caminho que rompe as muralhas do medo, do pecado e do sofrimento. Convidamo-vos a intensificar esta súplica ao Espírito com Maria em comunidade para que nasça o Carmelo que ela quer oferecer ao seu Filho.

Conclusões

1) A sinfonia da oração

O facto de rezarmos de diferentes maneiras, com diferentes tons de voz e em diferentes momentos, em todo o mundo, permite-nos apreciar a imagem do Papa Francisco de uma sinfonia de oração envolvendo todo o mundo. Pessoas, carmelitas rezando... a sua oração é uma bênção para eles e para todos, sem excluir ninguém. A nossa oração convida-nos a unirmo-nos em coro com esta grande sinfonia. Em Maria, Elias, Teresa de Jesus, Maria Madalena de Pazzi, João da Cruz, Tito Brandsma e todos os nossos santos carmelitas, reconhecemos um fio condutor da oração como relação, como amizade e comunicação com Deus, em muitas línguas e de diferentes formas.

2) A dignidade da pessoa que reza

Reconhecemos a alta dignidade da pessoa que reza quando tomamos Maria como modelo. O melhor conceito que temos da dignidade da pessoa humana é a que deriva do facto de ela ter sido criada à imagem e semelhança de Deus. É a oração que torna esta imagem numa relação ativa com Deus, numa aliança viva e verdadeira, dando assim plena expressão à dignidade da pessoa humana, criada à imagem e semelhança de Deus e em contínua e amigável comunicação com Ele. É esta dignidade que vemos, em primeiro lugar, em Maria. Ela estava atenta à Palavra de Deus, confiava plenamente em Deus, testemunhava às

peessoas que a rodeavam e transmitiu às gerações futuras o que significa experimentar a proximidade da presença de Deus. O Senhor está contigo. Tu és a cheia de graça. Depois de Maria, vemos como a tradição carmelita se tornou uma escola de oração, ajudando todos os homens e mulheres a descobrir a sua verdadeira dignidade de pessoas, onde o Espírito habita e reza com gemidos inefáveis, como presença de Deus e beleza do Castelo Interior (cf. Santa Teresa, Livro das Moradas, prólogo).

3) A renovação da oração entre os carmelitas

Gostaríamos que este momento fosse para todos nós um tempo de renovação da nossa oração. Renovação da nossa vida de oração e da nossa experiência de Deus. Vivemos com a sensação de que, apesar de falarmos muito da tradição carmelita da oração, a nossa prática diária de oração nem sempre reflete as bonitas verdades que pregamos. O que precisamos de fazer? Olhar para a oração como um elemento constante da nossa vida, uma presença, uma conversa contínua, amigável, íntima e simples, uma consciência da presença de Deus em todos os momentos, pela oração silenciosa, pela oração pessoal, comunitária ou litúrgica, pela oração nos momentos especiais em que lemos e rezamos as Escrituras, pela oração quando nos juntamos à volta da mesa ou noutras ocasiões em que estamos reunidos e damos graças a Deus.

A renovação da nossa oração virá da nossa vontade e decisão de rezar, da nossa capacidade de colocar a oração no centro das nossas vidas. Isto significa reconhecer que, por vezes, podemos estar tão ocupados, tão dispersos com tantas coisas boas, que até parece não termos tempo para rezar, para pensar em Deus, para abrandar, parar e simplesmente ser, para pensar no que estamos a fazer à luz da vontade de Deus. Quanto é importante juntarmo-nos para a oração litúrgica, para a oração comunitária ou para outra forma simples de oração, com dois ou três reunidos em casa, no trabalho, no meio das alegrias e dificuldades.

Desafios e esperanças:

1. Um caminho inesperado de realismo e de esperança: Maria abre ao Carmelo a um caminho inesperado. Não aquele que imaginamos. Estamos convencidos de que Maria traz em si a novidade do Carmelo que está prestes a nascer, que já está a ser gerada na sua maternidade no coração de cada um de nós se aceitarmos este salto da fé, este desafio de

acreditar no anúncio do Anjo em cada um de nós. Convidamo-vos a todos, irmãos e irmãs carmelitas, onde quer que estejais e em qualquer circunstância que vivais agora, cheios de vitalidade ou na doença, em caminho ou num momento de dificuldade ou de crise, de força ou de fraqueza, de alegria ou de tentação, a abrir-vos sem demora, com humildade, à graça deste momento, colocando nas mãos de Maria este nascimento de Deus na nossa terra.

2. Cantar o Magnificat. Exortamo-vos a fazer deste momento da história um Magnificat, sendo testemunhas da fecundidade do Espírito mesmo na dificuldade e na noite, nas guerras e nas perseguições, a educar os nossos olhos e o nosso coração para que, à imitação daquela pequena nuvem do Carmelo, acreditemos firmemente que este tempo de aparente seca trará a chuva abundante que Deus nos quer dar. Sede homens e mulheres de fé corajosa, positiva, realista e cheia de esperança.

3. Como no dia de Pentecostes, hoje o Espírito chama-nos a rezar na comunhão e na diversidade, que funda a comunidade e a Igreja juntamente com ela, nossa mãe e nossa irmã. Num mundo ameaçado pela divisão e pelo confronto, pelo descarte e pela exclusão, Maria, Mãe e Irmã, recorda-nos a oração sacerdotal: "que todos sejamos um" para que o mundo acredite. Semeadores de comunhão com Maria.

Enviamo-vos em Maria e por Maria, neste dia, o nosso abraço, proximidade e bênção, a toda a grande família carmelita: OCarm - OCD.

Uma feliz solenidade da Virgem do Carmo!

P. Míceál O'Neill, O.Carm.
Prior Geral

P. Miguel Márquez Calle, O.C.D.
Prepósito Geral